

O SENTIDO ESPIRITUAL DO CONHECIMENTO

Adilson Schultz

1. EM TODA PARTE, ATÉ NOS ALTARES

Em toda parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar

que se entrelaçam e se casam reproduzindo
mil versões dos pensamentos divinos.
A matéria é forte e absoluta

[Murilo Mendes - *poesias*]

Eu hei de me precipitar em Deus como um rio,
Porque não me contenho nos limites do mundo.

[Murilo Mendes, *Salmo n. 1*]

2. SER FELIZ PARA QUÊ?

Numa das raras oportunidades em que a escritora Clarice Lispector gravou uma entrevista televisiva, o jornalista insistiu para que ela respondesse à questão da motivação da sua escritura:

— Afinal, Clarice, para que você escreve? Qual é o sentido dos seus escritos? Qual é o objetivo final do seu trabalho?

Clarice respondeu repetidamente à insistência do jornalista, sempre com algo como “*escrevo por escrever*”; “*Não penso nisso*”; “*Estou buscando nada.*”, etc.

Como se não estivesse satisfeito com as vagas respostas de Clarice, o jornalista finalmente sugere para ela uma resposta. Formulado livremente seria assim:

— Mas veja que o sentido disso tudo é ser feliz – disse o jornalista. Todo mundo vive para ser feliz, não é mesmo? Em última análise, você escreve para ser feliz, Clarice. A felicidade é o sentido último da existência.

Após um breve silêncio, a escritora reagiu soturna:

— Mas ser feliz pra quê?

Guardadas as devidas proporções e feitas as ressalvas necessárias, essa aula busca uma resposta para a mesma questão colocada para Clarice Lispector: Qual é o sentido último do conhecimento? Qual é o sentido último da existência?

Você já se fez essa pergunta alguma vez? Qual é o sentido da sua vida? Pense um pouco no que você faz, no que você é e no que você pensa a respeito da vida.

3. INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

A *inteligência espiritual* é a área da vida na qual fazemos as perguntas essenciais sobre a existência: Para quê vivemos? Assim como existe a *inteligência racional* e a *emocional* (também *relacional*), pode-se falar da dimensão espiritual da inteligência, com a qual forjamos e organizamos o conhecimento da dimensão transcendental da existência, o seu sentido último.

A área do conhecimento que mais se ocupa com essas questões do sentido da existência é justamente o conjunto de Humanidades, especialmente a Teologia, a Filosofia, a Psicologia, as Artes e o Pensamento Complexo. Talvez seja justamente porque é aí que escapamos da lógica ordinária da vida e somos resgatados do real para nos religarmos com aquilo que é essencial na vida; aquilo ao que as pessoas recorrem quando fica escuro, o Sentido da existência.

Muita gente confunde os elementos externos da espiritualidade – como fé, cultos, doutrinas, imagens, textos sagrados, etc. – com a essência da espiritualidade. Por isso tratam a espiritualidade e suas questões como coisa psicológica (“*só os fracos tem fé*”), ou coisa meramente sociológica (“*só os pobres vão à igreja*”), ou coisa filosófica (“*só os ignorantes tem fé*”).

Quem vive a espiritualidade intensamente, no entanto, sabe que no mais profundo a fé e o sentido dessa fé escapam dos condicionamentos da existência, das coisas ditas imanentes, do mundo real, transportando a existência para além dela mesma, para o transcendente, para aquilo que está além da vida comum, onde está seu sentido.

Tomado desse ponto de vista, quem não é religioso seria um ilustre ignorante dos lugares mais profundos e mais bonitos da existência, as dobras intangíveis da consciência e da inconsciência. Quem não é religioso é como se tivesse estacionado no meio da montanha, receoso de continuar a escalada do Monte. Não vai além das brumas, e aceita o fato psicológico, sociológico ou filosófico da vida; é um ser simplesmente imanente. Quem não crê não arrisca, não aposta ir adiante, porque precisa de um chão firme debaixo dos pés. O não crente está preso à sua condição de existência.

Já o crente, tem uma vida abrangente. O crente está livre para crer; e crê, em primeiro lugar, que a liberdade de crer ou não crer é dada por Deus. O crente é aquela pessoa que busca sentido para além dos sentidos que a vida dá. É certo que a sua fé o ajuda a se livrar das coisas que o atrapalha na vida; até organiza a vida material, social e psíquica. Mas não está aí a essência da sua espiritualidade. Ela busca o sentido desse sentido...

4. GRUND E ABGRUND – O CHÃO E O ABISMO DA EXISTÊNCIA

A espiritualidade não tem exatamente respostas para o dilema humano do sentido. Deus ou um Ser Superior nunca é apresentado como uma resposta pronta para as coisas sem sentido, para as crises pessoais, para as doenças inexplicáveis, para o

sofrimento, para a angústia. Deus não é um tapa-buracos! A religião não é uma agência de consolação, ou um ópio (Marx), mas a formulação dessa necessidade social e pessoal da busca de sentido. Deus não é uma *ilusão* (Freud), mas uma *alusão* às coisas essenciais. A religião é a indagação pelo sentido da vida. Confira a instigante observação do pensador Karl-Josef KUSCHEL, no livro *Im Spiegel der Dichter*:

“Deus é a pergunta pela ordem deste mundo e pelo sentido desta vida. Uma pergunta aberta, às vezes uma ferida latejante. (...) Deus não é um chão (*Grund*) de sentido, mas um abismo (*abgrund*) de sentido.”

Deus não é uma resposta, mas um sentido; não é uma utilidade, mas um significado.

Tomando o ponto de vista cristão, o pensador Kuschel dirá, em *Os escritores e as escrituras*:

A revelação cristã por certo contém muitas respostas, mas a característica dessas respostas reside justamente não em fazer calar as perguntas fundamentais da existência humana, mas conduzi-las a uma perspectiva correta. As perguntas últimas do ser humano não são suspensas pela revelação, mas formuladas por ela: se Deus é o criador do mundo, então por que o mundo é como é? (...) Se Deus enviou seu filho Jesus Cristo ao mundo "por amor", então por que milhões de pessoas em condição de total desolação, à espera de salvação?

No entanto, não deixa de ser curioso que as igrejas e religiões de maior sucesso hoje são aquelas que veiculam o que se denomina *espiritualidade da disponibilidade de Deus*, com templos lotados de pessoas atraídas por um deus *utilitário*, à disposição dos sentimentos, das frustrações e dos desejos dos fiéis; quase um *narcótico* do qual se lança mão na hora do aperto; uma espécie de *companhia de seguros* contra as intempéries espirituais. É uma espiritualidade supletiva, feita às pressas e na urgência.

Certamente as necessidades e demandas dos fiéis precisam de respostas urgentes; elas certamente não são desprezíveis! Essa necessidade é também profundamente religiosa. Certamente a mão de Deus que tudo conduz é muito consoladora. Mas a fé não tem aí seu fundamento; ela não pode *medir* Deus apenas a partir daquilo que dele se recebe. A *espiritualidade da disponibilidade* de Deus pode ser vista como um sinal dos tempos atuais, que pede essa espiritualidade da urgência. Aí teríamos que ver qual é o problema do nosso tempo, que forja e sustenta esse tipo de espiritualidade. Mas essa já é outra conversa...

5. O SENTIDO DO SENTIDO

O crente encontra na fé o Sentido do Sentido – o Supra-sentido. Não que o sentido esteja além desta vida, ou fora dela fundamentalmente - a fé não trata de uma

dimensão superior ou inferior, mas de uma dimensão mais *abrangente*. Não se trata de secular e religioso, mas de instrução ou *contaminação* do secular pelo religioso. Aquilo que é do não religioso é puxado, instruído e instigado pelo religioso. O mundo da fé é o mundo da vontade de um sentido último. É ali que o Transcendente transparece o imanente. Aquilo que é do ordinário é refletido no espelho do extraordinário.

Esse crente descobre aí o sentido da existência. É aquilo que nos puxa e nos atrai para frente, para o futuro, para fora, que nos fazer viver com sentido. Pode ser o trabalho; pode ser o amor; pode ser a transcendência. No fim, não é a busca do poder, nem a busca do prazer, mas a sede de sentido.

Segundo o pensador Vitor Frankl, em *Sede de sentido*, o sentido da existência está sempre à nossa frente, plasmada em três experiências fundamentais que estão *fora de nós*, e não dentro de nós: o amor a alguém, o serviço a um ideal, a aceitação do sofrimento inevitável em nome de algo maior. O vazio existencial tem sua raiz na vida baseada no êxito e no prazer, confundindo os fins com os meios. O poder é um meio; o prazer é o produto, mas o fim é o sentido. Insuportável não é sofrer, mas sim viver sem sentido.

É essa profunda certeza do sentido do sentido que levou Vitor Frankl a afirmar sobre sua experiência de sobrevivente dos campos de concentração nazistas:

“Quando há um *para quê* viver, suporta-se qualquer *como*.” Vitor Frankl

Daí a conexão com o conhecimento: os educadores e as educadoras – assim também as cuidadoras e os cuidadores em geral - tem a tarefa de despertar nas pessoas não apenas o prazer de viver, mas sobretudo a *responsabilidade de viver*. Vivemos para quê? É isso que cura e dá sentido.

Assim, a espiritualidade guarda em si a recusa fundamental do domínio do sem sentido. É a dimensão da vida que nega que a realidade é absoluta. Por isso que a dimensão espiritual do conhecimento é necessária. Insere nos nossos processos teóricos a crítica do Totalmente Outro, para além de qualquer realidade. A espiritualidade é a salvaguarda contra o mundo e contra nós mesmos. O mundo, nem o conhecimento, são absolutos.

“O atual movimento humano em função do sagrado e em torno das religiões e espiritualidade pode ser uma reação à profanação excessiva do mundo. Uma verdadeira obsessão, uma desesperada tentativa de manter o poder do sagrado – de manter-se no sagrado, manter a sacralidade de outros objetos e espaços de adoração e, sobretudo, manter a integridade espiritual e a totalidade do seu ser”.
(Anete Roese – Religião, crise de sentido e desamparo espiritual).

Bibliografia de base para a aula

E outras sugestões para aprofundamento

ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo : Loyola, 2001.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. 14 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANKL, Viktor. **Sede de Sentido**. 3 ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo : Loyola, 1999.

ROESE, Anete. Religião, crise de sentido e desamparo espiritual. In: SCHAPER, Valério Guilherme (Et. all.). **A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe**. Oikos; EST: São Leopoldo, 2008. p. 35-48.

TILLICH, Paul. **Coragem de Ser**. São Paulo, Paz e Terra, 1991.